

**O 5º Domingo da Páscoa (15 de maio de 2022)**

**Amar o outro com o mesmo amor que Deus nos ama.**

**De fato, temos o signo do discípulo de Jesus?**

Irmãs e irmãos amados, que a paz de Deus seja abundante na vida de vocês!

Nas reflexões do Tempo Pascoal deste Ano Litúrgico, somos orientados por Cristo Jesus, segundo o Evangelho narrado por João, para que tenhamos a clareza, apesar de nossas limitações, onde podemos e devemos chegar. Tal caminhada, seguindo o pastoreio de Cristo, levar-nos-á para cumprir a missão por Ele estabelecida, pescando homens e ajudando-os a terem a alma liberta das amarras ilusórias deste mundo.

Lembremo-nos de que estamos no Período Pascal, tempo em que somos convidados a refletir sobre a morte de nosso fraco e limitado eu, para que possamos, ressuscitados em Cristo, levar sua Palavra e sua Verdade a todos e em todos os locais, por meio de nosso testemunho vivo cotidiano.

Neste 5º Domingo da Páscoa, Jesus exorta-nos a amarmo-nos mutuamente com o mesmo amor que Ele nos dedica, destacando que tal forma de relacionamento será o sinal para o mundo de que somos seus discípulos, seus verdadeiros seguidores.

Vejamos, então, o texto evangélico em questão e, em seguida, reflitamos juntos a respeito:

31Logo que Judas saiu, Jesus disse: “Agora é glorificado o Filho do Homem, e Deus é glorificado nele. 32Se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará em si mesmo, e o glorificará em breve. 33Filhinhos meus, por um pouco apenas ainda estou convosco. (...) 34Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. 35Nisso todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”. (Jo 13,31-33a.34-35)

Mateus já nos trouxe as palavras de Jesus ao nos exortar a amarmo-nos mutuamente, inclusive os nossos inimigos, chegando a apontar o amor como o grande remédio, aquele que é capaz de combater o mal, o ódio e a violência entre os seres. Em sua fala, lembra-nos que nutrindo o amor fraterno e incondicional, a ponto de amar os inimigos, de fazer bem aos que nos odeiam e de orar por aqueles que nos maltratam e perseguem, apresentamos o claro sinal de nossa filiação do Pai que está no céu. (cf. Mt 5,44-45)

Cristo chama-nos a atenção para a equivocada e limitada ação amorosa as pessoas que nos são caras. Chegamos a direcionar, de forma compassiva, atenção e afeto àqueles que nos são neutros, especialmente aos necessitados desconhecidos. Tais atos vêm sendo apontados como importantes práticas de civilidade desde os tempos antigos, inclusive defendidos pelos homens da Lei, na época de Jesus. Ocorre que, também pela nossa condição humana e pelo amor próprio nela tão evidente, os contratempos com o outro, especialmente ao sermos agredidos de alguma forma, levam-nos a reagir à altura, pois amamo-nos acima de qualquer coisa.

Pois bem, tais princípios de civilidade, com a partilha desse amor humano, regem as relações entre os seres, num equilíbrio harmônico de forças para a manutenção da “paz” entre as pessoas. Porém, seria este o amor que a nós é nutrido por Deus?

Mais uma vez chamamos a atenção para a aparente “loucura” dos ensinamentos de Jesus. Novamente, Jesus exorta seus discípulos presentes à época e os de todos os tempos, que o amor entre os seres é o maior dos mandamentos. Desta vez, vai mais longe, afirmando que tal ação representa o verdadeiro sinal de um cristão, daquele que, de fato, segue seus passos e testemunha suas palavras.

Atentemo-nos para o contexto em que o Evangelho de hoje foi proferido. Aproxima-se a “Hora”, o momento em que vai nascer o Homem Novo e a nova comunidade, a partir do testemunho do divino amor a ser cumprido na cruz. São palavras de despedida, absolutamente coerentes com uma vida plena de amor e partilha. É um momento solene, não havendo espaço para “conversa fiada”, devendo ser exposto, muito do que viveram juntos, sobre o que é fundamental na proposta cristã. Encontram-se num quadro de profunda emoção e é apresentado o “testamento” de um pai que, diante da morte, transmite aos seus filhos a sua sabedoria de vida. Neste ponto se inicia o longo e rico discurso de despedida de Jesus, que prossegue nos quatro capítulos seguintes, uma obra prima de sutileza e elevados sentimentos.

Ele não limita o amor aos princípios morais e legais na relação com o outro, tampouco às práticas caridosas com as pessoas queridas ou mesmo com os desconhecidos necessitados, Ele foi mais além. Supera o que é socialmente prescrito, o humanamente almejado, o legalmente definido, não se restringe à mera relação pacífica e harmoniosa entre os homens, Ele vai além, inclusive, do solicitado anteriormente por Ele que é o amar o outro como a si mesmo. Indica não um amor superficial, obrigatório pelo cumprimento das orientações (obrigações) religiosas ou sociais, mas sim um amor radical, que brota de nossa essência divina e, ao transbordar de nosso ser, inunda e engloba todos os seres, independente de quem seja. Jesus dá o toque do amor ilimitado, infinito, incomensurável, do divino amor. Este é o amor que devemos nutrir pelos nossos irmãos, isto é, por todos que conosco habitam neste mundo, de forma indiscriminada e irrestrita. Jesus deixa-nos em testamento o “mandamento novo”: que nos amemos uns aos outros, como Ele nos ama. Ele deixa evidente que é nessa radical entrega da vida que se cumpre a vocação cristã a qual testemunha ao mundo o amor de Deus.

O verbo “*agapaô*” (“amar”) utilizado aqui por João define “*o amor que faz dom de si*”, sem limites, que não guarda nada para si, sendo uma entrega total e absoluta. Vejamos que Jesus é o ponto de referência no amor (“*como Eu vos tenho amado*”). Lembremo-nos que as duas cenas que antecedem a passagem de hoje (lavagem dos pés aos discípulos e despedida de Judas) estabelecem a qualidade do amor indicado por Jesus que consiste em acolhida, em pôr-se ao serviço do outro, em dar dignidade e liberdade absoluta ao outro. Mas tudo isso deve ser de forma ilimitada e sem qualquer discriminação. Jesus é o padrão, não apenas pelas suas palavras, mas, acima de tudo, com seus atos.

O amor indicado por Jesus para os discípulos manifestarem entre si (igual ao dele) deve ser sinal para todos os homens (v. 35), o signo da comunidade dos seguidores de Jesus, em todos os tempos. Jamais nos esqueçamos de que ser discípulo de Jesus não significa ser depositário de uma doutrina, ou de uma ideologia, tampouco observantes de leis, ou fiéis cumpridores de ritos e celebrações. São aqueles que, pela partilha do verdadeiro amor, vivem como um sinal do Deus vivo e amoroso.

Irmãs e irmãos queridos, constranjo-me todas as vezes que me deparo com a determinação do amor mútuo na medida do amor divino. Vejo claramente o quanto estou distante desde indicado testemunho cristão! Mas quando, abatido, vejo-me limitado para nutrir esse nível de amor – Ágape – logo vem à mente que, de fato, somos limitados pela nossa humanidade, mas essencialmente divinos. Fomos criados à imagem e semelhança de um Deus infinitamente misericordioso, essencialmente amor, e, assim como Ele, temos a possibilidade de ser, desde que rompamos os nossos limites, as amarras que nos prendem à limitada pequenez da condição humana, permitindo, então, sermos conduzidos pelo Santo Espírito que em nós habita e está sempre pronto a nos fortalecer e guiar em direção à transcendência.

Sem dúvida, tal transformação não depende somente de nosso desejo. Jamais conseguiríamos a perfeição do amor divino se dependêssemos, apenas, de nosso pobre e egoísta ego. Seria, então, uma falácia de Jesus indicar que nos amemos assim como Ele nos ama, ou apenas uma retórica, uma forma de nos estimular a avançar, o máximo possível, dentro de nossas limitações? Creio que não!

Acredito piamente na possibilidade da divinização humana, na transformação de nossa capacidade de amar em condição divina, ou seja, no amor sem a iludida espera da perfeição do outro, mas no amor ao potencial e à essência alheias, por meio da ilimitada compaixão. Sou convicto de que o Absoluto jamais criaria um ser imperfeito somente por capricho ou desejo de menor valia pelos seres humanos. Somos perfeitos e divinos em potencial.

Quando somos induzidos a amarmo-nos como Jesus nos ama, creio que estamos sendo convidados para nos conhecermos, verdadeiramente, para encontrarmos a nossa real essência, a nossa essência divina. Ao encontrá-la e a reconhecendo presente, será possível aflorá-la para nosso cotidiano.

A vida cristã proposta por Jesus não se distingue por leis, exigências, ou ritos externos, ela resume-se no amor. O que, de fato, está no centro da nossa experiência cristã? A nossa religião é a religião do amor? Impomo-nos no mundo com a força da prepotente autoridade, ou a força do divino amor?

Os seres humanos, quando guiados pelo bem essencial, são capazes de fazer o extraordinário, o considerado impossível: amar a todos, indiscriminadamente. Jesus aponta-nos para o que é aparentemente impossível e nos convida a irmos além, superando a justiça das leis humanas, deixando que o amor divino, existente em cada um de nós, expanda-se, e por meio dele, formemos uma grande rede de harmonia e compaixão entre os seres.

Que todas e todos vocês fiquem em paz!

Milton Menezes.